momento.

REFERÊNCIAS

BARBER, B. R. Consumido: Como o mercado corrompe crianças, infantiliza adultose engole cidadãos. Tradução Bruno Casotti. – Rio de Janeiro: Record, 2009.

BAUMAN, Z. Vida para consumo: A transformação das pessoas em mercadoria.

Tradução Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BRASIL. DECRETO Nº 7.397, DE 22 DE DEZEMBRO DE 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7397.htm.

Acesso em: 21 jun.2018.

MASSANTE, K. A. S. C. C. Educação Financeira Escolar: As armadilhas presentes na mídia induzindo o consumo. 2017. 111 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação

Matemática) – Instituto de Ciências Exatas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

SILVA, A. M.; POWELL A. B. Educação Financeira na Escola: A perspectiva da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico. Boletim GEPEM, 2015.

SILVA, A. M.; POWELL, A. B. Um programa de educação financeira para a matemática escolar da educação básica. Anais do XI ENEM – XI Encontro Nacional de Educação Matemática, Curitiba, 2013.

SILVA, V. H. B. C. Educação Financeira Escolar: os riscos e as armadilhas presentes no comércio, na sociedade de consumidores. 2017. 168 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Matemática) – Instituto de Ciências Exatas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

VALE DO RIBEIRA DE IGUAPE E SUA IMPORTÂNCIA NO DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO BRASILEIRO

ERIKA TUANY DOS SANTOS CONCEIÇÃO

RESUMO

A primeira consequência dessas estradas foi à desarticulação da navegação marítima e fluvial no litoral, seguida da chegada à região de grupos imobiliários e grileiros que não só se apossaram das praias e sítios, expulsando os caiçaras, quilombolas, caipiras e quilombos, mas também intensificaram o desmatamento da Mata Atlântica da região com a operação de serrarias e indústrias de palmito. Os grileiros adquiriram pequenas posses e ampliavam suas propriedades em terras devolutas ou da União. O turismo desponta, em quase todos os municípios, como a atividade mais importante da região, tanto no Alto e Médio Ribeira, com suas incontáveis cavernas, cursos d água (para canoagem) e visitação em parques naturais, ainda que poucos deles estejam preparados para essa atividade. Nos municípios litorâneos, além do turismo de praia e mar, como é o caso da Ilha Comprida, Iguape e Cananéia, destaca-se o grande potencial turístico representado pelo patrimônio arquitetônico colonial, com seus sobrados e igrejas. O litoral norte, apesar de apre-

sentar vastas áreas florestadas sobretudo na Serra do Mar, teve sua área costeira bastante degradada em função da grande expansão turística dos últimos anos.

Palavras-chave: Navegação. Litoral. Quilombo. Turismo. Iguapé

INTRODUÇÃO

O Vale do Ribeira de Iguape, localizado na região sul do Estado de São Paulo e leste do Paraná, abrange uma área total de aproximadamente 25.000 km2, dos quais cerca de dois terços (17.000 km2) estão em território paulista (SMA, 1995).

Embora esteja situada a pouco mais de duzentos quilômetros do maior aglomerado urbano-industrial do hemisfério, a região é uma das maiores e mais importantes províncias preservacionistas do país, que concentra uma extensa e complexa paisagem cultural que a singulariza regional e nacionalmente.

Com uma economia baseada principalmente na pesca, agricultura (banana, chá, horti-fruticultura), mineração e extrativismo vegetal (palmito) os municípios do vale são ocupados predominantemente por pequenos produtores familiares; pescadores, agricultores, gente das matas, representantes de uma sociedade artesanal e de subsistência, que se constituiu à margem das transformações que caracterizaram a sociedade brasileira do último século.

Estima-se que existam ao menos oito aldeamentos indígenas e cerca de cinqüenta comunidades remanescentes de quilombos em todo o Vale, além de centenas de comunidades rurais tradicionais.

Casas de pau-a-pique, roças de toco, festas de padroeiro e mutirões, remédios e doenças caseiras, compõem boa parte desta paisagem de compadres e comadres, da vida simples e em harmonia com a natureza.

No entanto é também uma das regiões mais miseráveis do país, onde grande parte de sua população vive sob indicadores sócio-econômicos semelhantes àqueles vividos nos bolsões de pobreza do Norte e Nordeste.

VALE DO RIBEIRA DE IGUAPE E SUA IMPORTÂNCIA NO DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO BRASILEIRO

A história do povoamento europeu no Vale do Ribeira de Iguape, têm origens já nas primeiras décadas do século XVI. Os casarões, ruínas e vielas são testemunhas desta longa trajetória de intensa atividade econômica iniciada com a chegada das primeiras caravelas.

Na entrada da barra de Cananéia da banda do continente, sobre umas pedras está o padrão de mármore europeu com quatro palmos de comprimento, dois de largo, um de grossura e as armas reais de Portugal sem Castelos; posto que mais deteriorado do que muitos pensariam, bem se conhece que foi colocado em 1503.

Cenário no qual faltam escolas, hospitais, saneamento básico, meios de comunicação e todo tipo de serviços e equipamentos públicos necessários para atender a demanda desta população por si carente e sem oportunidades.

Razões históricas, dificuldades de acesso e condições naturais adversas às

atividades econômicas, determinaram, até hoje a inserção marginal do Vale nos fluxos mais intensos da dinâmica econômica do país o que permitiu que extensas áreas pudessem se manter preservadas, representando atualmente patrimônio histórico, cultural e ambiental de valor inestimável.

Importância mensurável pelo significativo número de projetos de desenvolvidos por universidades e instituições que, de uma maneira geral, visam propor formas mais sofisticadas para seu manejo econômico e preservação sócio cultural.

O poder público por sua vez, há anos vem se preocupando em restringir o desenvolvimento "desordenado" da região através da criação de unidades legais de preservação, e da elaboração de legislação específica, com objetivo de normatizar e gerenciar seu uso e ocupação.

Somente nos municípios abrangidos neste estudo foram instituídos, além da área pertencente às serras do Mar e Paranapiacaba (objeto de legislação específica), "a Área de Proteção Ambiental (APA), Federal de Iguape,Cananéia e Peruíbe, a APA Estadual da Ilha Comprida, os Parques Estaduais de Jacupiranga e da Ilha do Cardoso, as Zonas de Vida Silvestre de Itapitangui, do Cordeiro, do Arrepiado e da Ilha Comprida, e as Estações Ecológicas da Juréia-Itatins e Chauás".



http://www.ecoturismoaventura.com.br/brasil/vale-do-ribeira.htm, extraído em 07/07/2021

Pouco mais de 65% dos territórios destes municípios estão sob legislação ambiental restritiva, em alguns casos como Iporanga (75,9%) e Iguape (77,8%) este percentual supera dois terços de suas áreas. Área ocupada por cobertura vegetal nativa em 1988.

No âmbito da proteção patrimonial, o Condephaat, há décadas vem dedicando especial atenção à região, tendo registrado em seu Livro de Tombo os Centros históricos de Cananéia, Iguape e Iporanga, além de uma série de imóveis e vestígios históricos e pré-históricos, suprindo, na medida do possível, a ausência institucional em suas dimensões municipais que somente nos últimos anos começam a se esboçar, orientadas principalmente por um escopo turístico e mercantil.

Relatos da época colonial dão conta

que, quando Martin Afonso de Souza chegou a região da hoje Cananéia, já encontrou ali um pequeno vilarejo habitado por todo tipo de aventureiro que compunha estas populações coloniais originais.

Aqui o europeu encontrou além das excelentes condições "portuárias" oferecidas pela laguna, a esperança do ouro, da madeira e do índio de que tanto ansiava.



https://www.ovaledoribeira.com.br/2012/01/bacia-hidrografica-do-rio-ribeirade.html - extraído em 07/07/2021

O rio Ribeira de Iguape orienta a ocupação, determinando a localização das vilas que vão se formando nas margens de seus afluentes. A descoberta de ouro nas serras de Paranapiacaba, Paranaguá e Cadeado, ainda no século XVI, incentivou o intenso processo de ocupação do interior (rio acima), determinando a posição de destaque que a região adquire na administração colonial. Surgem deste modo, sob influência do chamado ciclo paulista de ouro, Iporanga, Apiaí, Registro, Eldorado entre outras. Por outro lado, a articulação fluvial entre estes núcleos e a cidade portuária de Iguape, conferiu a esta cidade grande importância estratégica no controle e exportação da produção das lavras, fomentando seu crescimento e urbanização precoce.

Embora houvesse bastante ouro nas serras, como nos relatam as pesquisas de historiadores da região como Young, em pouco tempo este escasseou e sua exploração logo foi preterida com a descoberta das "minas gerais" pelos bandeirantes no século XVII, estagnando a economia regional até o final do século XVIII quando se inicia produção agrícola em grande escala. A intensa produção agrícola sustentou um processo de urbanização que modelou as feições daquelas cidades, e particular de Iguape.

"...oito léguas (ou doze seguindo as tortuosidades da lagoa), ao nordeste da vila de Cananéia está a considerável vila de Iguape, situada na extremidade da lagoa em sítio vistoso e pouco afastada da margem direita Dório Assungüi, que comumente toma o nome da vila. Teve em outro tempo casa de fundir ouro...Exporta-se daqui grande quantidade de arroz".



https://patrimoniovaledoribeira.wordpress.com/- extraído em 07/07/2021

De fato, o arroz produzido nas regiões da baixada do Ribeira e nas planícies litorâneas de Iguape e Cananéia, era exportado para mercados europeus e latino-

-americanos, incrementando a economia local e reanimando o porto de Iguape, principal ponto de escoamento da produção, consolidando-o como importante e movimentado ponto de interligação com Paranaguá, Santos e Rio de Janeiro. Fonte segura de recursos para o comércio e a burocracia estatal.



Vapor Izabel, no Rio Ribeira de Iguape, na altura do bairro Jipovura, por volta de 1909.

Arquivo Iphan/Dossiê Tombamento

https://patrimoniovaledoribeira.wordpress.com/- extraído em 07/07/2021

A partir do final do século XIX, o eixo econômico começa a se deslocar para a produção de café, cujas lavouras avançavam rapidamente sobre o vale do Paraíba e depois para o interior de São Paulo em busca de clima quente (sem geadas), terra boa, farta e "desocupada". Tudo o que vale do Ribeira de Iguape já não podia oferecer depois de mais de três séculos de contínua exploração.

A economia regional entra em recessão, as grandes fazendas vão sendo abandonadas, a população urbana migra para outras regiões ou refugiase nos sítios e na subsistência, impondo a acentuada decadência regional.

As atividades que sempre mantiveram a economia regional foram declinando. O arroz não foi capaz de atrair investimentos, as terras boas para a lavoura estão cansadas e doentes, fazendo declinar ainda mais a sua produtividade.

A construção de estradas de ferro e rodovias, são golpes definitivos para a importância do transporte marítimo nas economias regionais. O porto de Iguape vai perdendo importância como via de escoamento de uma produção cada vez menor e menos interessante.



https://patrimoniovaledoribeira.wordpress.com/- extraído em 07/07/2021

Nas últimas quatro décadas vários projetos agropecuários e turísticos, atraídos pelo preço relativamente baixo destas terras, por suas características naturais e por uma série de investimentos governamentais, começaram a se instalar na região do vale, avançando rapidamente sobre esse território. O Vale desperta de seu longo pouso.



https://patrimoniovaledoribeira.wordpress.com/- extraído em 07/07/2021

As cidades voltam a crescer principalmente em virtude do turismo, matas, cavernas e praias, antes domínios exclusivos de pescadores e sitiantes, tornam se parques ou balneários para onde afluem milhares de viajantes.

Entre os empreendimentos com maiores impactos previsíveis estão a duplicação da BR-116, que está sendo finalizada sem que se fizesse um programa de minimização de impacto, compensação e gerenciamento, e os projetos para a construção de barragens no Rio Ribeira.



https://patrimoniovaledoribeira.wordpress.com/- extraído em 07/07/2021

Seja como hidrelétricas destinadas a fornecer energia para plantas industriais de grande porte, seja como reservatórios para o abastecimento de água para a RMSP, ou como forma de controle de enchentes, estas barragens representam ameaça concreta ao patrimônio geral da região, uma vez que não apenas inundarão parcela significativa do território, como alterarão a dinâmica hidráulica de toda a bacia, com reflexos na região estuárina-lagunar de Iguape Cananéia.

CONCLUSÃO

Na maioria, eram operários qualificados que, na época, trabalhavam em uma fundição de ferro na capital. Alistaram-se também carpinteiros, pedreiros, ex-comerciantes e ex-estudantes. Pelo acordo, cada família de imigrante ganhou da companhia colonizadora um terreno de 15 mil metros quadrados e uma moradia.

O colonizador, por sua vez, plantaria arroz ou cana de-açúcar (25% da safra iria à empresa e o restante ficaria com o proprietário da terra). O sucesso da colheita foi imediato, graças ao trabalho conjunto das pessoas, o que funcionou como chamariz para a chegada de novas levas de imigrantes japoneses à região.

Chegada dos pioneiros japoneses em Registro. Fonte: Museu Histórico da Imigração Japonesa Cultivo de chá foi introduzido por Torazo Okamoto, que trouxe mudas em 1919. Fonte: Museu Histórico da Imigração Japonesa.

Assim, em 1913, um grupo de três funcionários da Companhia de Colonização do Brasil foi reconhecer e analisar as potencialidades do local que viria a se tornar o núcleo Registro, proclamado independente de Iguape somente em 1945. Um ano depois, já desembarcavam as três primeiras famílias de imigrantes. Esses núcleos do Vale do Ribeira ganharam fama e atraíram mais gente.

O núcleo de Sete Barras, com oito famílias, foi o último a surgir e tornou-se independente de Registro em 1959. Patrimônio Tombado KAIGAI KOGYO KABUSHIKI KAISHA – Processo: 22261/82 Tomb.: Res. 4 de 19/1/87